

## **O QUE AINDA TEM A NOS DIZER BENVENISTE SOBRE LÍNGUA, LINGUAGEM E LINGUÍSTICA EM VISTA D'OLHOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA LINGUÍSTICA?<sup>1</sup>**

### **WHAT DOES BENVENISTE HAVE TO SAY ABOUT LANGUAGE AND LINGUISTICS IN *LOOK AT THE ON THE DEVELOPMENT OF LINGUISTICS?***

Jomson Teixeira da Silva Filho  
Universidade Federal de Alagoas, UFAL, Maceió, AL, Brasil

*É difícil ler Benveniste [...] digo isso porque é tão somente uma constatação óbvia aos olhos de todos os que se dedicam a lê-lo (FLORES, 2013, p. 19).*

*Particularmente sugestivo, até mesmo perturbador, o pensamento de Benveniste se vê frequentemente atenuado e desnaturalizado pela vulgarização de sua teoria linguística reduzida apenas às análises das marcas formais de enunciação, em detrimento das considerações teóricas de ordem mais geral, cujo alcance revela, no entanto, uma concepção forte e original das relações entre a linguagem e o homem (DESSONS, 2006, p. 26).*

**Resumo:** Este texto tem como objetivo central apresentar uma (re)leitura do artigo “Vistas d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” de Benveniste, publicado originalmente em 1963 – em comparação com outros textos sempre que necessário –, problematizando e discutindo os conceitos presentes neste artigo sobre “língua”, “linguagem” e “linguística”. Para tanto, elegemos como chave de leitura o princípio epistemológico segundo o qual, para Benveniste, há uma relação constitutiva entre homem e linguagem, por isso, “sempre que fazemos linguística, fazemos uma reflexão antropológica” (FLORES, 2013, 2020).

**Palavras-chave:** Benveniste; língua; linguagem; faculdade simbólica; linguística.

**Abstract:** The main objective of this text is to present a (re) reading of Benveniste’s article “Look at the development of linguistics”, originally published in 1963 - in comparison with other texts whenever necessary - problematizing and discussing the present concepts in this article on “language”, and “linguistics”. To this end, we chose the epistemological principle according

---

<sup>1</sup>Destacamos, desde já, que este texto, por vezes, reproduz, revisa e/ou amplia partes da tese de doutorado do autor.

---

to which, for Benveniste, there is a constitutive relationship between man and language, so “whenever we do linguistics, we do an anthropological reflection”. (FLORES, 2013, 2020).

*Keywords:* Benveniste; language; symbolic faculty, linguistics.

## Palavras iniciais

Discorrer acerca de Benveniste é, de certa forma, um desafio. Dizemos isso, haja vista sua grande contribuição aos estudos linguísticos, tanto quanto o fez Saussure. Assim como este, Benveniste é enigmático. Flutua<sup>2</sup> entre termos fundamentais dentro da linguística, como *língua, linguagem, signo, símbolo, falante*, e não chega a constituir um corpo sistemático unitário de estudos a que podemos chamar de “teoria única”, no sentido estrito da expressão. Ainda assim, pelo conjunto de suas discussões, entendemos haver uma “teoria da linguagem” benvenistiana.

Nesse sentido, Dessons (2006) afirma que os estudos de Benveniste podem ser elencados a partir de três esferas principais, a saber, os estudos iranianos, os da gramática comparada das línguas indo-europeias e os de linguística geral. Gostaríamos, desde já, de demarcar nossa filiação nesta discussão, à esfera dos estudos de linguística geral.

Arrivé (1997), por sua vez, afirma que Benveniste é o linguista francês que mais marcou o século XX, não só dentro do campo da linguística, mas também fora dele.<sup>3</sup> Ao organizar suas *Últimas aulas no Collège de France*, Coquet e Fenoglio (2014)<sup>4</sup> também destacam que Benveniste continua sendo uma referência, ainda hoje, tanto para os estudos da linguística quanto para os estudos que se situam fora dela, mas que têm, de certa forma, a linguagem como uma de suas preocupações, corroborando com Arrivé (1997).

---

<sup>2</sup>Sobre essa questão, diz Flores: “Há uma flutuação terminológica em Benveniste. É fácil encontrar, nessa teoria, termos que, apesar de idênticos do ponto de vista da expressão, são completamente distintos quanto a seu significado (uso homonímico). Existem termos com expressões diferentes, mas que têm o mesmo conceito (uso sinonímico). Há ainda termos que adquirem nuances de sentido em diferentes momentos da reflexão do autor (uso polissêmico). Tais relações semântico-terminológicas podem ser encontradas comparando-se alguns textos entre si e dentro de um único texto” (FLORES, 2013, p. 34).

<sup>3</sup>Como destaca Flores (2013), a obra de Benveniste engloba dentro da linguística não “apenas” o campo da enunciação, mas a morfologia, a sintaxe, a lexicologia, além de outras áreas do conhecimento como a filosofia, a psicanálise, a antropologia, a sociologia, dentre outras (p. 20).

<sup>4</sup>Estamos utilizando a tradução brasileira (2014) da obra original, publicada em 2012.

Entendendo e assumindo essa importância benvenistiana no tocante à linguística geral, em nosso caso, especificamente, tomamos a ousadia de, seguindo a instrução de Flores (2013, p. 21), ao dizer que

[...] quando se estuda Benveniste, é necessário precisar qual parte de sua obra está em exame, porque Benveniste tem uma obra que ultrapassa o campo da enunciação. Estudá-la implica fazer recortes e, antes de tudo, constituir um corpus textual de referência a partir do qual uma pesquisa pode ser desenvolvida [...] do conjunto da obra – entendido como um corpus inicial formado por fontes de diferentes naturezas – recorta-se, com base em objetivos específicos, um corpus textual de pesquisa [...].

apresentar como objetivo central uma (re)leitura<sup>5</sup> do artigo *Vistas d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, publicado originalmente em 1963, em comparação com outros textos sempre que houver necessidade, apresentando e discutindo os conceitos presentes artigo supracitado sobre “linguística”, “linguagem” e “língua(s)” principalmente.

Para tanto, elegemos como *chave de leitura o princípio epistemológico*, segundo o qual, para Benveniste, há uma relação constitutiva entre homem e linguagem, por isso, “sempre que fazemos linguística, fazemos uma reflexão antropológica” (FLORES, 2013, 2020<sup>6</sup>). Nesse sentido, embora estejamos sendo enfáticos ao afirmar que nossa leitura tem como objeto o artigo referido, não desconsideraremos o conjunto da obra de Benveniste que toca o homem como ser constituído na e pela linguagem.

Flores (2020), em conferência no evento “Abralín on line”, de maneira muito perspicaz, retorna ao tratamento dos termos “linguagem”, “língua” e “sujeito”. Afirma ele que, assim colocados, esses termos parecem ser causa resolvida na área da linguística, subentendendo-se que todos os especialistas do campo “sabem” exatamente seus conteúdos. Entretanto, ele afirma que o sentido desses termos, em linguística, nem é evidente, nem é unânime e que, por isso mesmo, ainda se faz necessário discussões profundas sobre eles. Seguindo essa instrução do autor, nosso artigo apresenta o seguinte percurso argumentativo: na seção que se segue, apresentamos uma síntese dos três momentos sobre os estudos da linguagem, destacados por Benveniste no texto em análise. Discutimos sobre os conceitos de “Língua”, “Linguagem”

<sup>5</sup>Nem de longe buscamos ineditismo neste feito. Essa “leitura” foi realizada, por exemplo, por Neumann (2018), em “A linguagem e a vida: reflexões acerca de língua e literatura”. Destacamos, no entanto, que, como se pode perceber, apresentamos objetivos diferentes.

<sup>6</sup>Conferência da Abralín – Abralín *on line*.

e “Linguística” nas seções subsequentes. Nossas considerações finais são apresentadas em seguida.

## 1 “Vistas d’olhos” sobre três momentos dos estudos da linguagem

Benveniste começa seu texto com uma afirmação muito interessante, segundo nossa interpretação. Diz ele que, a sua época (1963), tornou-se muito “penoso” o acesso aos trabalhos originais dos estudos que se faziam sobre a língua e a linguagem. Dizemos que essa afirmação é interessante porque em Silva Filho (2018) defendemos a necessidade de a linguística se voltar para os “originais”, para a leitura dos fundamentos, assim como parece fazer Benveniste no texto em análise.

Pensando exatamente em dois momentos “redondos”, importantes, vividos no século XXI, relacionados a Saussure, a saber: em 2013, o centenário de sua morte, ocorrida em 1913, e, em 2016, o centenário da publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral*<sup>7</sup> (1916), muitos eventos aconteceram e estiveram relacionados ao nome do mestre genebrino que, segundo o próprio Benveniste ([1966] 1976, p. 35), “é, em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos”. À época, defendemos a necessidade de se pensar o objeto da linguística a partir de uma perspectiva “mais” epistemológica, considerando a disseminação desse objeto em diferentes vertentes das chamadas linguística “strictu senso” e “lato senso”.

Essa necessidade seria suprida a partir da volta à leitura dos clássicos<sup>8</sup>, dos fundadores. Parece-nos que Benveniste, já em 1963 (estamos utilizando a edição de 1976), também compartilhou esse sentimento, já que para ele

[É] inegável: encontra-se grande dificuldade para ler os estudos dos linguistas, mas ainda mais para compreender as suas preocupações. A que visam e que fazem com esse algo que é o patrimônio de todos os homens e não cessa de atrair a sua curiosidade: a língua? (BENVENISTE, [1963] 1976, p. 19)

<sup>7</sup>Por vezes, utilizamos “CLG” ou “Curso” para nos referirmos à obra.

<sup>8</sup>Ressaltamos que ao utilizar o termo “clássicos”, de maneira alguma temos a intenção de menosprezar o trabalho fundamental de linguistas contemporâneos. Na realidade, queremos dizer que é importante se voltar para a leitura daqueles que se constituíram como autores que se colocaram na posição de reunir um conjunto de definições teóricas e epistemológicas fundadoras de nossa área, considerados na atualidade como sendo autores “datados”. Dizemos isso, devemos confessar, com um certo tom de desabafo, uma vez que já tivemos trabalhos recusados por utilizar como base teórica autores como Saussure e Hjelmslev, sob a justificativa de que “há pensadores mais atuais e seus pensamentos já sofreram muitas exegeses”.

Essa insatisfação já está em Saussure. O autor expressa de maneira enfática o desconforto com a prática teórica que se fazia em seu tempo. É o que nos mostra a carta destinada a Antoine Meillet (1894), em que lemos:

Mas estou bastante desgostoso com tudo isso, e com a dificuldade que em geral ocorre quando se escreve somente dez linhas, tendo o senso comum como matéria dos fatos da linguagem. Preocupado sobretudo, já há muito tempo, com a classificação lógica desses fatos, com a classificação de pontos de vista sob os quais nós os tratamos, eu vejo cada vez mais a imensidão do trabalho que **é preciso para mostrar ao linguista o que ele faz**, reduzindo cada operação à sua categoria prevista; e, ao mesmo tempo, a grande variedade de tudo que finalmente se pode fazer em linguística. Sem cessar, esta inépcia da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la, e mostrar **para isso que espécie de objeto é a língua em geral**, tudo isso vem estragar meu prazer histórico, ainda que eu só tenha como meu mais caro desejo não ter de me ocupar da língua em geral [...] Isto terminará, apesar de tudo, por um livro onde, sem entusiasmo, eu explicarei por que não há um único termo empregado em linguística em relação ao qual esteja de acordo com o sentido atribuído. E só após isso confesso que poderei retomar meu trabalho no ponto em que o tinha deixado (GODEL, 1969, p. 31, grifos nossos).

Essa enorme citação de Saussure<sup>9</sup> elucidada, de forma categórica, seu desconforto e insatisfação com o que se fazia a partir da nomenclatura da linguística de sua época. Para Saussure, o problema em questão e que inquietava seu espírito erudito era o fato de que não havia na Gramática Comparada uma preocupação com o objeto “língua”, fazendo com que a linguística estivesse ancorada em princípios de outras ciências, como a biologia evolucionista, por exemplo.

Para Schleicher (1873), apenas para ilustrar o que dissemos antes, a linguagem era um organismo natural sujeito à evolução, ou seja, “a um processo de seleção análogo à seleção das espécies proposta por Darwin, o que significa que recursos de linguagem podem se extinguir ou sobreviver” (VITRAL, 2010, p. 57).

Era preciso, então, “mostrar ao linguista o que ele faz”. Flores (2013a, p. 64) sintetiza a tarefa do linguista a partir da leitura de Saussure e Benveniste: “a tarefa do linguista: conhecer as línguas para definir linguagem”. Benveniste, em *Estruturalismo e linguística* ([1968] 2005, p. 14), afirma que Saussure “recusava quase tudo que se fazia em seu tempo”. Nos *Escritos*

---

<sup>9</sup>Como leitor de Saussure, não me senti autorizado a parafrasear suas palavras. Não seria capaz de expressar com tanta beleza o pensamento do autor.

de *Linguística Geral*<sup>10</sup> (2004, p. 150), Saussure nos diz: “Entende-se que o astrônomo observa e calcula, que o crítico critica, que o historiador relata e que o linguista compara. Por que o linguista compararia, ou por que estaria ele condenado, em seu ofício, a comparar?”.

Ao historicizar, ainda que de maneira breve, esse caminho dos estudos da linguagem até chegar a Saussure e sua preocupação tal qual mostramos acima, Benveniste ([1963] 1976) nos elucidava três momentos importantes da história da linguística.

O autor afirma que a linguística ocidental nasce da filosofia grega. Destaca que toda a terminologia linguística está ligada diretamente aos termos gregos ou, ainda, ao latim, que segundo o autor é uma “tradução” do grego. Entretanto, Benveniste nos diz que o interesse dos pensadores gregos pelo objeto “língua” não passou de um interesse filosófico, em especial no que se relaciona à origem da linguagem, como sendo natural ou convencional. Sobre isso, diz Lyons (1979, p. 4, grifos do autor):

Dizer que uma determinada instituição era *natural* equivale a dizer que ela tinha sua origem em princípios eternos e imutáveis fora do próprio homem, e era por isso inviolável; dizer que era *convencional* equivalia a dizer que ela era o mero resultado do costume e da tradição, isto é, de algum acordo tácito, “contrato social”, entre os membros da comunidade - “contrato”, que por ser feito pelos homens, podia ser pelos homens violado.

Das palavras de Lyons, relacionando-as ao que argumenta Benveniste, percebemos a origem filosófica da discussão sobre a linguagem que faziam os gregos, de forma que não se interessavam, de fato, pelo funcionamento da língua.

Benveniste ([1963] 1976, p. 20, grifos nossos) chega a dizer que “durante séculos, dos pré-socráticos aos estoicos e aos alexandrinos, e depois no renascimento aristotélico que estende o pensamento grego até o fim da idade média latina, a língua permaneceu objeto de *especulação*, não de *observação*”.

O século XIX abre, então, um novo momento das histórias dos estudos da linguagem. É a descoberta do sânscrito, uma antiga língua sagrada da Índia. A partir dessa língua, descobriu-se a existência de uma relação de parentesco entre as chamadas línguas indo-europeias. Lyons (1979, p. 21), afirma que “dizer que duas línguas são aparentadas equivale

---

<sup>10</sup>A partir de agora, poderemos utilizar “ELG” ou “Escritos” para nos referirmos à obra.

a dizer que evoluíram de alguma língua precedente comum. É isto, aliás, o que se afirma quando se diz que elas pertencem à mesma família linguística”. É o surgimento da Gramática Comparada.

Benveniste ([1963] 1976) destaca o sucesso desse segundo momento, devido à rigorosidade de seus métodos. Ela, a Gramática Comparada<sup>11</sup>, se desenvolve a partir da relação de dois pontos de vista, acrescidos ao conceito de gramáticas clássicas já existentes, a saber, a comparação de diversas línguas e a história fonológica e gramatical de línguas em particular.

Robins (1967) afirma que a Gramática Comparada carrega o mérito de ter estabelecido um desenvolvimento teórico e metodológico que caracterizou essa disciplina como um campo científico melhor estabelecido do que os estudos linguísticos a antecederam. Nas palavras de Robins (Ibidem, p. 132), “o século XIX assistiu ao desenvolvimento de modernos conceitos, teóricos e metodológicos, no terreno histórico-comparativo e à concentração neste domínio linguístico de maior parte dos esforços e talentos dos linguistas”.

Milner (1989) afirma que a Gramática Comparada pode ser entendida como um dos grandes êxitos da ciência do século XIX, uma vez que ela permitiu acumular dados sistematizados de várias línguas, no que também corrobora Benveniste, tendo em vista o texto em análise. Entretanto, faltava à linguística comparativa responder as questões que, para Benveniste ([1963] 1976, p. 21), estavam “inquietando-se”:

[Q]ual é a natureza do fato linguístico? Qual é a realidade da língua? É verdade que não consiste senão na mudança? Mas como, embora mudando, permanece a mesma? Como então funciona e qual é a relação dos sons com o sentido? A linguística histórica não dava nenhuma resposta a essas questões, pois jamais havia precisado propô-las.

Chega-se, assim, ao terceiro momento que tem por base as discussões propostas por Saussure em seu Curso de Linguística Geral (1916), especialmente pelo conceito de “língua”, trazido pelo mestre genebrino. Benveniste faz aqui uma afirmação importante, relacionada à inquietação

descrita por Saussure em sua carta a Meillet. Agora, a partir da teorização saussuriana,

---

<sup>11</sup>Nestes trechos, reproduzimos e revisamos parte de nossa tese de doutorado (SILVA FILHO, 2018).

Os linguistas tomam consciências da tarefa que lhes cabe; estudar e descrever por meio de uma técnica adequada a realidade linguística atual, não misturar nenhum pressuposto teórico ou histórico na descrição, que deverá ser sincrônica, e analisar a língua nos seus elementos formais próprios (BENVENISTE [1963] 1976, p. 21).

Dessa forma, a linguística não tem por objeto estabelecer uma filosofia da linguagem ou a evolução das formas linguísticas, mas, a partir de seu desejo de se constituir como uma ciência formal, seu objeto deve ser a realidade intrínseca da língua. Seria a principal contribuição de Saussure, como afirmamos em Silva Filho (2018): o grau de abstração do mestre genebrino, capaz de assumir um objeto para a ciência linguística, necessário para garantir a sua legitimidade. Afirma Saussure (2004, p. 115-116):

A primeira escola da linguística não considerou a língua em sua característica de fenômeno. É preciso dizer mais. Ela ignorou o fato de linguagem, e atirou-se diretamente à língua, ou seja, ao idioma (conjunto de manifestações da linguagem de um povo numa época), e só viu o idioma através do véu da escritura. Não há fala, há apenas conjunto de letras.

Um primeiro passo se deu: da letra veio a considerar o som articulado e do papel se passou ao sujeito falante [ ]. Não há ainda linguagem, já há fala.

A conquista destes últimos anos é ter, enfim, colocado não apenas tudo o que é a linguagem e língua em seu verdadeiro nicho exclusivamente no sujeito falante seja como ser humano seja como ser social.

A linguística agora tem um objeto próprio. Mais que isso, agora é possível estabelecer métodos próprios à ciência linguística, como uma ciência formal, sincrônica, descritiva e que deverá se debruçar sobre todas as línguas de igual maneira, em todos os seus aspectos. Mas, ainda é necessário definir esse objeto, ou seja, “trata-se, com efeito, de saber em que consiste e como funciona esse objeto” (SAUSSURE, 2004, p. 22).

## **2 “Vista d’olhos” sobre objeto língua: a prioridade do sistema, a noção de estrutura e as unidades relativas**

Se pudéssemos dividir o texto de Benveniste, diríamos que o autor abre a primeira parte de seu texto que trata da “língua” com a seguinte afirmativa: “a língua forma um *sistema*” (BENVENISTE [1963] 1976, p. 22). Ele é categórico e imperativo: isso vale para qualquer língua, em

qualquer cultura, onde quer que seja falada, “da base ao topo, os sons até as complexas formas de expressão, a língua é um arranjo sistemático de partes” (Ibidem, p. 22).

Benveniste, ainda que indiretamente, parece destacar aqui a virada saussuriana. Dentre as características a que podemos associar ao chamado “corte saussuriano”, a virada de Saussure em relação à Gramática Comparada foi exatamente separar os “pontos de vistas” da análise sobre a língua: o diacrônico e o sincrônico. A diacronia observa a língua no tempo, sua evolução, compara formas linguísticas dotadas de positividade, não considera o sujeito falante no sistema; a diacronia se relaciona à história da língua.

É na sincronia que Saussure pode delimitar a tarefa da linguística a partir do objeto língua: a análise e a descrição da língua de forma imanente a partir da sincronia, de onde podemos afirmar que a sincronia está intimamente ligada à noção de sistema, e, conseqüentemente ao sujeito falante, já que é no sistema e na sincronia que o sujeito falante se encontra, como também defendem Neumann e Anjos (2019).

Vemos, então, como a noção de sistema engloba toda uma trama de primitivos teóricos dentro da teorização saussuriana a que Benveniste ([1963] 1976) faz menção em seu texto, no qual coloca o sistema como um conceito nevrálgico internamente à discussão do mestre genebrino e do mestre sírio. É a partir da noção de sistema que Saussure não só opera um corte epistemológico, como também um corte metodológico, já que a esta noção se associam outros conceitos sem os quais o pensamento de Saussure não pode ser delineado: signo, valor, arbitrariedade, funcionamento em eixos, oposição, e até aquilo de que Saussure foi acusado de exclusão pela leitura estruturalista do *Curso*, o sujeito falante.

À noção de “sistema” Benveniste ([1962] 1976, p. 98, grifos nossos) relaciona a explicação do conceito de “estrutura”. Mas, devemos entender que o mestre sírio faz referência ao fato de que existe uma *estrutura do sistema*, de modo que é o sistema que continua sendo a pedra angular. Faz-se interessante, nesse momento, retomar o que diz Benveniste ([1962] 1976), em outro texto, “*Estrutura em linguística*”. Diz o autor:

Todos concordam em que esse movimento tem a sua origem no ensinamento de Ferdinand de Saussure em Genebra, tal como foi recolhido pelos seus alunos e publicado sob o título de Cours de Linguistique Générale. Chamou-se a Saussure, com razão, o precursor do estruturalismo moderno. Ele o é, seguramente, exceto num ponto. É importante notar, para uma descrição exata desse movimento de ideias que não se deve simplificar, que

---

Saussure jamais empregou<sup>12</sup>, e qualquer sentido, a palavra estrutura. **Aos seus olhos a noção essencial é a de sistema. A novidade da sua doutrina está aí, nessa ideia - rica de implicações e que se levou muito tempo para discernir e desenvolver de que a língua forma um sistema.**

Mesmo tendo sido atribuído a Saussure o título de “pai do estruturalismo”, o que de fato aconteceu é que todos aqueles que se utilizaram de Saussure para se denominarem estruturalistas, na verdade, entenderam por *estrutura* aquilo que Saussure chamava de *sistema*. Conforme podemos depreender das palavras de Benveniste, acima, tanto em *Vistas d'olhos* como em *“Estrutura” em linguística*, é o conceito de *sistema* que abarca a centralidade da teorização saussuriana, já que é a partir dessa noção que podemos falar da relação geradora de valor linguístico, que só pode ser atribuído dentro do sistema linguístico, fora do qual se tem apenas uma “massa amorfa”.

Quando Benveniste ([1963] 1976) trata da estrutura, o que ele quer dizer é que a “língua” é composta por poucos elementos que podem ser agrupados de modo a gerar inúmeras combinações, mas que esses elementos, em si mesmos, nada significam, mas só a partir de suas combinações no *sistema de uma língua* é que eles, por fazer parte de uma *estrutura sistemática*, podem ser definidos. “É o que se entende por estrutura: tipos particulares de relações que articulam as unidades de um certo nível” (BENVENISTE, [1963] 1976, p. 22).

É especificamente nesse ponto que se pode chegar aos conceitos de “relação”, “oposição”, “negatividade” e “diferença”, visto que o mestre sírio afirma que cada uma das unidades do sistema só pode ser definida pela relação que mantém com outras unidades via oposição. Aqui aparece a máxima do signo saussuriano: *um signo é o que os outros não são*.

Não há como considerá-los isoladamente, pois as unidades linguísticas não se deixam considerar a não ser no interior do sistema, como parte de uma estrutura que, por sua vez, só pode ser analisada em relação a esse mesmo sistema, de onde Benveniste ([1963] 1976) afirma que é preciso destacar e descrever o sistema. É a partir disso que Saussure pode elaborar primeiramente um conceito de “língua”, como **um sistema de signos** e depois como um **sistema de valores puros**. Se pudermos ser mais radicais,

---

<sup>12</sup>Na verdade, como destacam Neumamm e Anjos (2019), Dosse (1993) observa que o termo “estrutura” aparece três vezes no Curso. Em busca dessas aparições, os autores encontram o termo em três passagens: nas páginas 151 e 152, na página 207 e na página 217. Nesses casos de aparição “irrisória” do termo, os autores observam que este é usado apenas para se referir à composição das palavras e da frase. Para mais detalhes, conferir texto original.

diremos, com Cunha (2008), que Saussure não teorizava sobre signos, mas sobre valores, operados na relação interna ao sistema, que só abstratamente podem ser lidos como signos (CUNHA, 2008; SILVA FILHO, 2018).

Benveniste ([1963] 1976, p. 23, grifos do autor), considerando a teia conceitual que envolve os conceitos de língua, sistema, estrutura, relação e valores, afirma:

A noção positivista do fato linguístico é substituída pela de relação. Ao invés de considerar cada elemento em si e de procurar-se a sua “causa” num estado mais antigo, encara-se cada elemento como parte de um conjunto sincrônico; o “atomismo” dá lugar ao “estruturalismo”.

Os elementos, então, fazem parte de um sistema, de um conjunto sincrônico em que as relações com outras unidades podem ser estabelecidas, não numa positividade atomística, mas como parte de uma estrutura, entendida como a relação entre as partes. Essa relação, por sua vez, pode se estabelecer através de dois pontos que, primeiramente, Saussure chamou de eixos: o sintagmático e o paradigmático. Quando se encaram as unidades em sua relação de sucessão (*in praesentia*), tem-se o eixo sintagmático. Quando se encara as unidades a partir da possível substituição de unidades por outras, tem-se o eixo paradigmático<sup>13</sup>. Diz Saussure (2003 [1916], p. 142-143, grifos nossos):

As **relações** e as **diferenças** entre os termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é **geradora de certa ordem de valores**; [...] ambas indispensáveis para a vida da língua [...] De um lado no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento [...] tais combinações que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas. **Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que precede ou ao que sucede, ou a ambos**. Por outro lado, fora do discurso, as palavras que oferecem algo em comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas [...] elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de casa indivíduo. Chamá-las-emos de relações associativas.

Vemos claramente, nesta citação de Saussure, como os eixos operam no sistema da língua, estabelecendo entre as unidades, seja *in praesentia*, seja *in absentia*, relações que geram valores linguísticos indispensáveis à

<sup>13</sup>Estamos usando o termo “paradigmático” para sermos fiéis ao texto de Benveniste. No CLG, no entanto, encontramos o termo “associativo”.

vida da língua. Nesse aspecto, Normand (2009) destaca que não se podem dissociar as esferas associativa e sintagmática do sujeito falante<sup>14</sup>. Todas essas noções estão imbricadas no conceito de “língua”, que caracteriza o terceiro momento dos estudos linguísticos, segundo Benveniste ([1963] 1976).

Assumindo a concepção de Saussure, Benveniste ([1963] 1976) adota seu conceito de língua como um sistema de signos. A guinada deste em relação àquele é ir além do signo, destacando a importância do fato de que sempre que nos comunicamos, fazemos por meio de frases, de diversos tipos, estabelecendo duas instâncias em relação à língua: a forma e o sentido, de onde advêm as noções de semiótico e semântico.

Quando o signo está na esfera do semiótico, assume-se a arbitrariedade radical proposta por Saussure, já que nessa instância não há uma relação natural, necessária entre a língua e o referente, ou seja, o que a língua denota no mundo, nesse sentido, os signos se encontram numa relação estabelecida pelo eixo paradigmático. A língua, então, é um sistema imanente.

A instância de língua concernente à esfera do semântico põe-na no campo da ação do discurso, que coloca o locutor na posição de sujeito, e, nesse caso, a relação entre o signo e o referente não pode ser entendida como radicalmente arbitrária, mas como necessária, uma vez que o sujeito/locutor só pode apreender o signo posto em ação no discurso, na linguagem, no momento de seu emprego. Parece ser nesse sentido que Benveniste afirma ([1963] 1976) que a realidade é produzida por intermédio da linguagem. É por meio da *língua* enquanto instância do semântico que o signo pode chegar à consciência do sujeito falante.

Seguindo essa argumentação, Neumann e Rosário (2016, p. 51) afirmam que

o semântico resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação; logo, o sentido da frase implica a referência a uma situação de discurso e à atitude do locutor. A frase é, portanto, um evento diferente a cada vez, existe somente no instante em que é proferida e se apaga nesse mesmo instante. Nela, as palavras se dispõem em cadeia, e seu sentido resulta da maneira como são combinadas e empregadas. A relação entre os signos é, então, de natureza sintagmática.

---

<sup>14</sup>Por vezes, durante o texto, fazemos menção ao sujeito falante sem dar maiores explicações sobre esse conceito que é fundamental. Fazemos isso por falta de espaço e por não ser nosso objetivo tratar do sujeito neste artigo. Para uma visão mais detalhada, recomendamos a leitura de Normand (2009), Flores (2013), assim como Neumann e Anjos (2019) e Silva Filho (2020).

Para Fiorin (2013), a língua é o sistema semiótico principal dentre os outros sistemas. Como defendemos em Silva Filho (2020), segundo o mestre sírio, isso é possível à língua devido ao seu caráter único de significação, já que a língua é o único “sistema semiótico capaz de interpretar os outros sistemas e o seu próprio, assim como também a realidade através de sua característica de dupla significância por meio de seus dois modos de significação, semiótico e semântico” (SILVA FILHO, 2020, p. 16).

### 3 “Vista d’olhos” sobre o objeto linguagem: a faculdade de simbolizar

Ainda que nosso recorte de leitura seja o texto, ao qual já nos referimos, desde o título, consideramos que se faz necessário recorrer a outros textos de Benveniste para que se tenha uma melhor compreensão daquilo que se propõe a entender desse autor. Nesse sentido, em *Da subjetividade na linguagem* (1976[1958]), Benveniste discorre sobre o conceito de “linguagem”, destacando a assunção segundo a qual esta é um instrumento de comunicação.

Para Benveniste ([1958] 1976, p. 285), no entanto, há um equívoco nesse conceito, uma vez que este nos leva a uma pressuposição de que, se a linguagem é um instrumento, pode ser criada conscientemente pelo homem que a usa, pois

[A] picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclina-mo-nos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção.

Daí que para Benveniste (1976[1963]), em *Vista d’olhos*, a linguagem é uma faculdade inerente ao homem, ou seja, faz parte de sua natureza, de modo que o homem não pode fabricá-la como fez com a flecha ou a roda, por exemplo. Não há uma origem da linguagem anterior ao homem ou uma origem do homem sem a linguagem. Aquele constitui a linguagem e é por ela constituído “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (BENVENISTE, (1976[1958]), p. 285).

Assim, conforme destacam Neumann e Rosário (2016), Benveniste vai de encontro à concepção de linguagem como instrumento de comunicação,

ao passo que “subverte a oposição entre natureza e cultura, ao afirmar que a linguagem está na natureza do homem” (NEUMANN; ROSÁRIO, 2016, p. 49).

Sobre isso nos diz Dessons (2006, p.99):

Benveniste submete a noção de natureza a uma mudança contextual que implica sua reinterpretação fora do par natureza-cultura, no sentido de uma especificidade antropológica. Há uma natureza do homem que pode ser pensada em uma relação de necessidade definitiva com a linguagem. A linguagem define o homem, como o homem, a linguagem.

Em *Vistas d'olhos*, na segunda parte, entendemos que Benveniste começa a tratar especificamente do conceito de linguagem, afirmando que é preciso considerar “paralelamente sua *função*” (p. 26, grifo do autor). O mestre sírio argumenta que a linguagem reproduz a realidade, ou em outras palavras, que a realidade é produzida por intermédio da linguagem, de forma que, como bem entendeu Dessons (2006), o homem é definido pela linguagem, e a linguagem, por sua vez, é definida pelo homem, numa relação ontológica. Diz Benveniste ([1963] 1976, p. 26):

Aquele que ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva.

Mas, devemos ressaltar que ao tratar da relação entre a linguagem e a realidade, o autor, por tabela, toca diretamente na relação entre pensamento e língua, já que é o próprio autor quem afirma que ao reproduzir o mundo, a linguagem o submete à sua organização, à organização linguística, uma vez que o pensamento é transmitido, ou nas palavras do autor, “decomposto segundo um esquema linguístico”.

Tratando da relação entre linguagem/língua e pensamento, Saussure, por sua vez, no *Curso*, atribui à língua a função de organizar o pensamento que, sem ela, é apenas algo sem forma. Desse modo, para o mestre genebrino, o “pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta” (SAUSSURE, [1916] 2004, p. 130), sendo a língua responsável por sua organização. Sendo assim, a língua tem a função de intermediar a relação entre pensamento e o som/signo, visto que “a ‘forma’ do pensamento é configurada pela estrutura

da língua. E a língua por vez revela dentro do sistema das suas categorias a sua função mediadora” (BENVENISTE, [1963] 1976, p. 26-27, grifo do autor).

Em relação a isso, Benveniste ([1958] 1976) ainda é mais enfático no texto *Categorias de pensamento e categorias de língua*<sup>15</sup>. Ao argumentar sobre a relação entre pensamento e língua, o autor faz algumas afirmações que não deixam dúvidas acerca de sua concepção. Diz ele:

O pensamento só recebe forma quando é enunciado pela língua, ou seja, recebe forma da língua e na língua [...] É a estrutura da língua que dá forma ao pensamento. Para que o pensamento se torne transmissível deve tomara a forma da língua, deve passar pela língua. Só a partir da forma que a língua confere ao pensamento é que é possível a ele não se reduzir a nada ou perder seu conteúdo [...] A forma linguística é a condição primeira da possibilidade de transmissão do pensamento. O pensamento não pode dispensar a língua [...] O pensamento não pode se manifestar a não ser pela língua e a língua não tem outra função de ser a não ser significar (BENVENISTE, [1958] 1976, p. 69).

Parafraseando Benveniste, Severo (2013) destaca que o papel da língua é garantir a transmissibilidade do pensamento a partir de seu recorte e de sua organização, já que sem a língua o pensamento “pode ser reduzido a nada ou a algo ‘tão vago’ (Benveniste), tão ‘indeterminado’ (Saussure) que sua apreensão será impossível. Sem a língua como organizadora, restará a ‘massa amorfa’(Saussure), a ‘volição obscura’ (Benveniste)”. Percebe-se assim, que se faz necessário ao pensamento ser organizado pela língua e receber dela uma *forma* (SEVERO, 2013, p. 20).

Benveniste ([1963] 1976, p. 27), assim, questiona-se; “Qual é então a fonte desse poder misterioso que reside na língua?”. Ao mesmo passo em que responde:

A linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de *simbolizar* [...] Entendamos por aí, muito amplamente, a faculdade de representar o real por um “signo” e de compreender o “signo” como representante do real, de estabelecer, pois, uma relação de “significação” entre algo e algo diferente.

---

<sup>15</sup>Referimo-nos a este texto, neste momento, por entender a intertextualidade explícita entre ele e o texto que nos propomos a analisar neste artigo. Entretanto, entendemos que seria necessário outro trabalho para dar conta das especificidades de “Categorias...”.

Para o autor, é essa faculdade que permite ao ser humano a capacidade de entender o conceito como algo diferente do objeto, que é por esse conceito nomeado, ou seja, essa faculdade é, por essência, simbólica, e só o homem é capaz de desenvolvê-la, como se comprova, segundo Benveniste ([1963] 1976), pela observação da criança que desenvolve a capacidade de linguagem através dessa faculdade, de maneira bem distinta dos animais, que não a tem.

À semelhança do que afirma Benveniste, conforme supracitado, Saussure, nos *Escritos* (2004, p. 115, grifos nosso), nos ensina que

a linguagem é um fenômeno; **é o exercício de uma faculdade que existe no homem**. A língua é o conjunto de formas concordantes que esse fenômeno assume numa coletividade de indivíduos e numa época determinada [...] A escola de Bopp teria dito que a linguagem é uma aplicação da língua ou que esta é a condição necessária da linguagem, considerando a língua como instituída, delimitada. Hoje vê-se que há reciprocidade permanente e que, no ato de linguagem, a língua tem, ao mesmo tempo, sua aplicação e sua fonte única e contínua, e que a linguagem, é ao mesmo tempo, a aplicação e o gerador contínuo da língua....

Saussure, ainda no *Curso*, ao tratar dos conceitos de língua e sua relação com essa faculdade, afirma que é a língua que deve ser tomada como objeto da ciência linguística, em detrimento da linguagem, uma vez que somente assumindo o terreno da língua é possível a formulação de uma definição “autônoma”, língua essa que não se confunde com a linguagem, mas é apenas parte dela, como já dissemos anteriormente. Benveniste, no entanto, não exclui a linguagem como objeto da linguística, mas, ao contrário, afirma que esta tem objeto duplo.

Para Saussure ([1916] 2004, p. 21), a linguagem é uma faculdade humana, no sentido de que é uma capacidade que os seres humanos têm para desenvolver uma língua e outras manifestações *simbólicas*, mas ressalta que a faculdade da linguagem não diz respeito ao conceito mesmo de língua, uma vez que para ele a língua é o produto social dessa faculdade, a qual “desempenha o principal papel na organização da língua enquanto sistema” (p. 21). Diz Saussure([1916] 2004, p. 17, grifos nossos):

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da **faculdade de linguagem** e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir

o exercício **dessa faculdade nos indivíduos.**

Para Benveniste ([1963] 1976), essa faculdade simbólica só se realiza de fato na linguagem, sendo essa a expressão simbólica por excelência, tendo em vista que está atrelada, de forma inseparável, ao indivíduo e à sociedade. Assim, língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra, de forma que a linguagem, simbólica por excelência, se realiza na língua, por meio do sujeito falante, inserido numa sociedade que compartilha com ele essa língua.

Fazendo um “balanço” sobre a cronologia dos estudos da linguagem que vinham acontecendo desde a Gramática Comparada, passando pelos Neogramáticos até a virada do século XIX, Saussure ([1916] 2004, p. 115-116) nos diz:

A primeira escola da linguística não considerou a língua em sua característica de fenômeno. É preciso dizer mais. Ela ignorou o fato de linguagem, e atirou-se diretamente à língua, ou seja, ao idioma (conjunto de manifestações da linguagem de um povo numa época), e só viu o idioma através do véu da escritura. Não há fala, há apenas conjunto de letras.

Um primeiro passo se deu: da letra veio a considerar o som articulado e do papel se passou ao sujeito falante [ ]. Não há ainda linguagem, já há fala.

A conquista destes últimos anos é ter, enfim, colocado não apenas tudo o que é a linguagem e língua em seu verdadeiro nicho exclusivamente no sujeito falante seja como ser humano seja como ser social.

Consideramos esse longo trecho como uma síntese essencial da discussão feita nesta seção. Saussure demarca de forma muito singular a distinção entre língua e linguagem, e, ainda, estabelece de vez a relação entre esses conceitos, tomando-os como objetos da linguística.

A linguagem é entendida como uma faculdade (simbólica, nas palavras de Benveniste). A língua, por sua vez, permite o exercício dessa faculdade dando forma ao pensamento. Saussure continua dizendo que o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional.

Vemos, então, que tanto para Saussure, quanto Benveniste, a linguagem é uma faculdade dada ao homem pela natureza. Por isso, Benveniste argumenta que só os seres humanos são capazes de transformar sinais em símbolos<sup>16</sup> (signo?), diferente dos animais que apenas obedecem a sinais,

<sup>16</sup>Neste texto, estamos deixando aspectos muitos importantes de lado, como a discussão sobre a

por não possuírem a faculdade essencialmente simbólica de linguagem, de onde o autor conclui que não se pode falar em linguagem animal, mas em comunicação animal, já que só o homem possui linguagem articulada.

Parece-nos que Benveniste se apresenta como um leitor atento de Saussure, que mesmo sem ter acesso aos *Escritos*, entendeu o que Saussure quis dizer quando afirmou que o mérito dos últimos tempos foi colocar a linguagem em seu verdadeiro nicho, o sujeito falante, visto que, como afirma Benveniste ([1958] 1976), a linguagem se realiza na língua, no sujeito, no locutor, na intersubjetividade da relação eu:tu. Daí que para Flores (2020), Benveniste está atrelado a uma linguística como reflexão antropológica que tem por base a linguagem, a(s) língua(s) e o sujeito falante, posição que também assumimos.

#### 4 “Vista d’olhos” sobre a Linguística afinal<sup>17</sup>

Gostaríamos de encerrar esse texto tratando da ciência linguística a partir de seu(s) objeto(s). Com a virada operada por Saussure em relação aos estudos da Gramática Comparada, a linguística, então, passa a ser concebida como uma ciência. Normand (2009) chega mesmo a dizer que a questão que movia Saussure era exatamente esta: “O que é língua?” (NORMAND, 2009, p. 34). Assim, apesar de já haver um estudo sistematizado e produtivo de comparação linguística, Saussure, nas palavras de Normand (2009, p. 35-36), decepciona-se ao perceber que:

a evidência para os linguistas é de que eles se ocupam com a linguagem e com as línguas; assim o afirmam, sem estabelecer uma relação clara entre esses dois termos, e sem que jamais se saiba se o termo linguagem representa o conjunto de línguas, uma língua qualquer que se estime valer por todas as línguas, uma faculdade (social e/ou natural) comum a todos os homens, nem qual estatuto possui uma língua concreta em relação a essa generalização.

---

aquisição/aprendizagem de linguagem, o conceito de cultura, a discussão em relação aos sinais e aos símbolos, o conceito de intersubjetividade (eu:tu). Esses gestos de “esquecimento” não se dão devido a considerarmos esses aspectos menos importantes, mas demarca a complexidade do texto de Benveniste que demandaria um tempo e um espaço de discussão maior do que temos. Ressaltamos que, de modo algum, esse gesto sinaliza uma menor importância para esses temas, mas ao contrário, sinaliza a não possibilidade de tomarmos esses conceitos como eles merecem neste momento.

<sup>17</sup>Assinalamos que nesta seção também reproduzimos e revisamos argumentos operados em Silva Filho (2018).

Há, evidentemente, uma preocupação de Saussure em relação à linguística, ou melhor, ao fazer do linguista, preocupação essa também demonstrada por Benveniste, fazendo, inclusive Flores (2013), afirmar que Benveniste é o linguista que Saussure sonhou. Por isso, percebemos constantemente a intenção de definir “língua”, “linguagem” em ambos os autores.

Saussure ([1916] 2004) coloca a linguística frente a dois caminhos, sincronia e diacronia e, ainda, estabelece o que caracterizaria essas duas rotas, sistematizando o fazer da linguística, mas escolhe, como já dissemos, o ponto de vista da sincronia, produzindo uma nova teorização para a noção de signo, uma teorização linguística.

Saussure começa por comparar a ciência linguística com outras ciências e afirma que estas trabalham com objetos previamente dados, diferente daquela, quando afirma que “[B]em longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que precede o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras” (SAUSSURE, [1916] 2004, p. 15).

Saussure então se questiona: “de que maneira se deve representar esse produto social para que a língua apareça perfeitamente desembaraçada do restante?” (SAUSSURE, [1916] 2004, p. 18), ao mesmo tempo em que responde: “Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua” (SAUSSURE, [1916] 2004, p. 21).

Diz ainda Saussure ([1916] 2004, p. 21):

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, num sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

Como se percebe, a língua não pode ser confundida com a linguagem, mas é apenas parte dela e deve ocupar “o primeiro lugar no estudo da linguagem” (p. 18). Saussure chega mesmo a dizer que é a língua a responsável pela unidade da linguagem.

Benveniste ([1963] 1976), por sua vez, de forma muito perspicaz, afirma como já destacamos acima, que a linguística não tem apenas um

objeto, mas dois. Diz o autor:

Começemos por observar que a linguística tem duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência das línguas. Essa distinção, que nem sempre se faz, é necessária: a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza. É das línguas que se ocupa o linguista e a linguística é em primeiro lugar a teoria das línguas. Dentro da perspectiva em que nos aqui colocamos, veremos que essas vias diferentes se entrelaçam com frequência e finalmente se confundem, pois os problemas infinitamente diversos das línguas têm em comum o fato de que, a um certo grau de generalidade, põem sempre em questão a linguagem (BENVENISTE, [1963] 1976, p. 20).

Parece, então, não haver dúvidas para Benveniste em relação ao objeto da ciência linguística. Esse objeto é duplo: a linguagem e a(s) língua(s). Mas, como destaca Flores (2020), o mestre sírio faz outro recorte que, à primeira vista, parece contraditório, já que mesmo ao afirmar que a linguística tem duplo objeto, ele destaca que o linguista deve se ocupar apenas das línguas. É o próprio Flores (2020) quem responde a essas indagações. Diz ele: “Não penso assim (não há contradição em Benveniste). Para Benveniste a linguagem se realiza nas línguas. Logo, as línguas contém a linguagem. Portanto, o duplo objeto a que se referia Benveniste, se apresenta ao linguista na análise que ele faz das línguas” (FLORES, 2020, em conferência).

Então, entendemos que, quando Benveniste ([1963] 1976) afirma que o linguista deve se ocupar das línguas, ele está reafirmando o fato de que se a linguagem se realiza na língua, ao estudar as línguas, portanto, pode-se chegar à linguagem, “esse cavaleiro de vários domínios”, o que de certa forma também já está em Saussure, no *Curso*, pois o mestre genebrino afirma que o linguista está obrigado a conhecer o maior número possível de línguas para que através da observação e da comparação entre elas, se possa chegar àquilo que há de universal entre as línguas, ou seja, à linguagem.

Esta parece ser também a interpretação de Fiorin (2013), quando o autor afirma que Saussure, ao eleger a língua como objeto, separando-a da linguagem, acaba por estabelecer dois objetos para a ciência linguística: um empírico (a linguagem) e um teórico (a língua). Diz o autor:

O primeiro gesto de Saussure, no *Curso*, foi definir o objeto teórico da linguística. A linguagem é a capacidade que os homens têm de comunicar-se com seus semelhantes por meio de signos (Saussure, 1969:18). No entanto, esse é o objeto empírico da linguística, não pode ser seu objeto teórico [...]

O objeto teórico é diferente do objeto empírico. Aquele é estabelecido a partir de um objeto observacional, que é a “região” do objeto empírico que será objeto de estudo [...] O objeto observacional concerte-se, então, em objeto teórico. O objeto observacional recortado por Saussure é a langue. É a partir desse objeto que todos os outros conceitos desenvolvidos pelo mestre genebrino ganham sentido (FIORIN, 2013, p. 99-100).

Entretanto, como afirma Flores (2013), a distinção entre o que é posto por Saussure como uma “recomendação” e o que é defendido por Benveniste, é que naquele a linguagem não aparece textualmente como o objeto da linguística, sendo apenas a língua eleita como tal, influenciado pelo contexto positivista do início do século XX. Para Benveniste, como vimos, o objeto é duplo. Essa distinção de Benveniste nos leva a uma redefinição do próprio campo da linguística pelo deslocamento de seu(s) objeto(s), a saber, a língua e a linguagem. Daí a síntese magistral de Flores (2013, p. 68): “O objeto da linguística benvenistiana é a linguagem tomada em toda a sua amplitude, na relação com as línguas e, obviamente, com a língua”.

### **À guisa de uma conclusão**

Neste texto, objetivamos uma discussão acerca do artigo *Vistas d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* de Benveniste ([1963] 1976). Mais especificamente, nossa intenção foi fazer uma leitura de Benveniste que não estivesse atrelada diretamente a este autor, no que toca a sua Teoria da Enunciação, mas apresentar, como, no texto em análise, Benveniste trata de conceitos considerados como primitivos teóricos, relacionados à linguística geral.

Para tanto, discorreremos, na primeira parte, sobre os três momentos nos estudos da linguagem, destacados por Benveniste ([1963] 1976), desde os gregos até Saussure. Posteriormente, como em uma tentativa de sintetizar a complexidade do texto benvenistiano, trouxemos nossa leitura do texto de Benveniste sobre os conceitos de “língua”, “linguagem” e “linguística”, sempre o relacionando ao mestre genebrino, ao qual consideramos estar Benveniste atrelado epistemologicamente.

Obviamente, o leitor minimamente conhecedor das discussões em torno do nome de Benveniste, percebeu que não buscamos, aqui, ineditismo na discussão, visto que já há discussões em torno do aparato teórico do mestre sírio, no que concerne aos seus principais conceitos. No entanto,

mais uma vez, estamos seguindo uma orientação, ou apelo de Flores (2013), quando do encerramento de sua obra aqui por vezes citada, *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*: “É tempo de ler Benveniste” (FLORES, 2013, p. 180), já que a teoria da linguagem por ele elaborada, embora inclua a teoria da enunciação, não se restringe a ela”, mas de fato, podemos encontrar uma “teoria da linguagem de Benveniste” (FLORES, 2013, p. 190).

É nessa direção que, neste texto, buscamos trazer os conceitos que, segundo Flores (2020), parecem óbvios internamente à ciência linguística, mas que mesmo assim, são especialmente difíceis de se apreender, principalmente quando pensamos no termo “linguagem”, visto que o termo “língua” parece se apresentar como mais “claro”. Passamos, então, para concluirmos, a apresentar como forma de execução de nosso principal objetivo, uma síntese dos conceitos de “Língua”, “Linguagem” e “Linguística”, que consideramos estarem presentes em Benveniste ([1963] 1976).

Entendemos que a teorização sobre o conceito epistemológico de “língua”, em Benveniste, tem por base a definição de “língua” proposta por Saussure, como um sistema de signos, mas que Benveniste acrescenta a esse conceito – semiótico – a relação do signo com o mundo, de forma que a língua, por meio de sua função de simbolizar, pode recriar a realidade por meio do sentido, já que o próprio da língua é significar.

Nesse sentido, à língua como um sistema semiótico Benveniste acrescenta o conceito de semântico, que leva a uma análise da língua a partir da relação desta com o locutor/sujeito falante, da língua com o discurso, no seio de uma sociedade composta por sujeitos que se relacionam intersubjetivamente por meio da língua, de forma que não há como separar homem e linguagem, ontologicamente constitutivos.

Essa concepção de “língua” está diretamente ligada ao conceito de “linguagem”, elaborado por Benveniste. Como vimos, segundo o mestre sírio, a linguagem não pode ser entendida como um instrumento de comunicação a ser utilizado pelo homem que a constrói. O conceito de linguagem defendido pelo autor, antes, é aquele que permite ao homem ser tomado como um ser de linguagem, como um sujeito que se enuncia na língua e pela linguagem, que toma forma nas línguas, que por sua vez, dá sua forma ao pensamento, sem a qual seria apenas uma nebulosa, uma massa amorfa e uma volição obscura. Daí que a definição de homem implica a definição de linguagem e vice-versa.

Para Benveniste, no texto em análise e nos que aqui foram citados, a linguagem é o lugar no qual o ser humano pode se constituir como sujeito falante, que carrega em sua natureza uma faculdade simbólica por excelência, capaz de transformar sinais em signos, ou seja, a linguagem encontra seu lugar no sujeito que fala uma língua, num homem que fala com outro homem. Benveniste, assim como Saussure, coloca a linguagem em seu verdadeiro nicho, o sujeito falante.

Segundo nosso entendimento, é por isso que, para Benveniste, o objeto da linguística não pode se apresentar como a língua saussuriana nos moldes apresentados pela leitura reducionista de Saussure como o “pai do estruturalismo”, mas como a linguagem em todas as suas dimensões, como um sistema semiótico capaz de interpretar outros sistemas semióticos e como a instância do sentido capaz de significar/simbolizar o mundo e o pensamento.

A tarefa do linguista não se resume a estudar a língua imanentemente para descrever “apenas” sua estrutura, mas, a partir do sistema em que está inserida, considerar também o sujeito falante e o modo como operam os eixos sintagmáticos e associativos, que geram valores linguísticos através da relação de oposição e negatividade. Por isso, o linguista deve conhecer as línguas para se chegar à linguagem, sendo a linguística uma ciência que tem objeto duplo.

Gostaríamos de encerrar dando a palavra a Flores (2013, p. 65, grifos nossos), mais uma vez: “Benveniste assume para si, a incumbência do fazer do linguista pensado por Ferdinand de Saussure. Ou ainda de maneira mais utópica: *Benveniste é o linguista que Saussure sonhou para a linguística*”.

## Referências

- ARRIVÉ, M. Préface. Linx (**Émile Benveniste. Vingt ans après**), Nanterre, n. 9, p. 15-21, 1997.
- BENVENISTE, É. Da subjetividade na linguagem. In.: **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1958] 1976.
- \_\_\_\_\_. “Estrutura” em linguística. In.: **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1962] 1976.
- \_\_\_\_\_. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In.: **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1963] 1976.

\_\_\_\_\_. Categorias de pensamento e categorias de língua. *In.*: **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1966] 1976.

\_\_\_\_\_. Estruturalismo e linguística. *In.*: **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, [1968] 2006.

COQUET, J. C; FENOGLIO, I. Introdução. *In.*: BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CUNHA, R. B. **A relação Significado e Significante em Saussure**. ReVEL. Edição especial n. 2, 2008.

DESSONS, G. **Émile Benveniste: l'invention du discours**. Éditions in Press, Paris, 2006.

FIORIN, J. L. O projeto semiológico. *In.*: **Saussure: a invenção da linguística / José Luiz Fiorin, Valdir Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan (orgs)**. – São Paulo: Contexto, 2013.

FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. **Linguística como reflexão antropológica: a linguagem, as línguas e o falante**. Conferência apresentada por Valdir Flores do Nascimento [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (2h 45min 14s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: <<https://youtu.be/bIPRQHdSAZw>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

\_\_\_\_\_; TEIXEIRA, M. **Introdução à Linguística da Enunciação**, 2. ed., São Paulo: Contexto, 2013.

GODEL, R. **Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F de Saussure**. Genebra: Librairie Droz, 1969.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. Trad. De Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Nacional, 1979.

MILNER, J. C. **Introduction à une science du langage**. Paris: Seuil, 1989.

NEUMANN, D; ROSÁRIO, H. M. A relação entre língua/linguagem e cultura em Benveniste: uma contribuição para as ciências humanas. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**, Porto Alegre, v. 9, n. esp. (supl.), s47-s57, nov. 2016. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/22367>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

\_\_\_\_\_; ANJOS, A. G. Dos limites da redução do pensamento saussuriano ao movimento estruturalista. *In.* **Novo Retorno a Saussure**. Leitura,

Maceió, v.1, n. 62, jan/jun. 2019.

NORMAND, C. **Saussure**. Trad. Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Tradução de Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini et al. 26a edição. São Paulo: Cultrix, 2004[1916].

\_\_\_\_\_. **Escritos de Linguística Geral**. BOUQUET, S.; ENGLER, R. (Orgs. e Eds.). São Paulo: Cultrix, 2004.

SEVERO, R. T. Língua e linguagem como organizadoras do pensamento em Saussure e Benveniste. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 1, p. 80-96, jan./jun. 2013. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/14495/13156>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

SILVA FILHO, J. T. da. **Linearização e hierarquia: retomando o paradoxo posicional a partir do programa minimalista**. 2018. 146 f. Tese (doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2018.

\_\_\_\_\_. O signo linguístico entre Saussure e Benveniste: ainda de sua natureza “arbitrária” e “necessária” e sua relação com o sujeito falante/locutor. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 3, jul-set 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/index>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

VITRAL, L. A antinomia sincronia/diacronia: formulação, recepção e atualidade. **Revista GEL**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 53-94, 2010. Disponível em: < <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/63>>. Acesso em: 28 jun.2020.